

Especial

Desinformação e saúde pública

Embora o Brasil seja referência mundial, há desigualdade na implementação de medicamentos, muitas dúvidas relacionadas à prevenção, falta de serviços estruturados, profissionais capacitados e campanhas de informação. Exatamente para enfrentar isso, surgem possibilidades como telemedicina e autotestagem, que rompem barreiras geográficas e sociais.

A prevenção combinada, com anel vaginal, uso de lubrificantes e preservativos, também é amplamente necessária na luta contra o HIV. Inclusive, em 2024, o SUS passou a distribuir camisinhas mais finas e com textura, em uma tentativa de aproximar o cuidado da realidade dos jovens e de reduzir a resistência de quem afirma não gostar de usar preservativo.

A falta de informação clara, acessível e livre de preconceitos também é um desafio. Alguns questionamentos presentes em consultas, campanhas e estatísticas, como "fazer muito sexo na juventude pode prejudicar a vida sexual mais tarde?", podem parecer banais, mas refletem o nível de desinformação da sociedade.

Além de a educação sexual não ser muito presente na escola, de a desinformação nas redes sociais estar cada vez mais presente na vida dos jovens e de a cultura do prazer sem cuidado estar cada vez mais disseminada, muitos jovens não se veem representados nas campanhas e não sabem que são vulneráveis. Atualmente, por exemplo, a expressão "sexo seguro" caiu em desuso, mas os cuidados na hora de relações sexuais ainda são necessários.

"A ideia de sexo seguro baseada apenas em preservativo ou em esperar mais tempo para se relacionar já não funciona para esse público. Quem busca a PrEP quer se sentir seguro com a própria PrEP. Então, falamos da proteção contra a infecção com essa tecnologia", destaca a médica Maria Inês Dourado. "Hoje, com a PrEP, que tem eficácia de 98%, estamos diante de um novo paradigma."

O conhecimento deve ser buscado em informações qualificadas, como as do Ministério da Saúde, que oferece orientações oficiais. No entanto, mesmo com os avanços no tratamento do HIV, o MS, responsável por orientar o programa PrEP-SUS, não atinge totalmente adolescentes, jovens e populações vulneráveis, como de baixa renda e com menor escolaridade.

Caroline Morais/Ministério da Saúde



Ministério da Saúde lança novos modelos de camisinhas, mais finas e com texturas

Arquivo pessoal



Vicky Tavares é coordenadora da ONG Instituição Vida Positiva

Iniciativas que acolhem

A coordenadora da ONG Instituição Vida Positiva, Vicky Tavares, 76, por exemplo, considera o tratamento do HIV em Brasília "bem satisfatório", pois o SUS atende as consultas e a distribuição de remédios, mas acredita que a disseminação de informação deixa a desejar. "Precisamos de veiculação em TV aberta, rádios e jornais, para que toda a sociedade tenha acesso", afirma. "A sociedade civil, quando munida de informação, informa."

Mesmo com a qualidade do tratamento, o estigma ainda é muito forte e afeta a saúde mental das pessoas que vivem com HIV. Segundo Vicky, muitas vezes o preconceito faz com que os pacientes parem o tratamento, o que pode levar ao óbito. O infectologista Vinicius Borges acrescenta que a adesão ao tratamento é contínua, como em outras doenças crônicas, mas o vírus carrega um peso simbólico enorme. "Viver com HIV significa lidar com o tratamento, mas também com camadas sociais e

emocionais que não se comparam a outras doenças."

Christiano Ramos, da ONG Amigos da Vida, destaca o avanço na posologia dos medicamentos, mas afirma que os soropositivos continuam sendo submetidos ao preconceito que permeia o convívio social de pessoas como ele, que vivem com o HIV. Para o ativista, as maiores lacunas são a falta de campanhas sistemáticas de combate ao preconceito e à discriminação das pessoas soropositivas no seu dia a dia. "É importante que a sociedade saiba que viver com o HIV/aids é possível em toda sua plenitude e que o único inimigo dessa patologia é a discriminação."

As ONGs também são fundamentais para a luta contra o vírus. Mayco da Silva, 42, é cozinheiro e recebeu o diagnóstico há poucos meses, pois contraiu o vírus no fim de 2024. Ao receber a notícia, sentiu que o mundo tinha desabado, foi um baque enorme, principalmente pelo medo de morrer. Antes de adquirir informações sobre a doença, ele se afundou em drogas e bebida por achar que ia morrer de qualquer forma, então tinha que aproveitar ao máximo.

No entanto, ele conheceu a Fraternidade Assistencial Lucas Evangelista (Fale), que tem o objetivo de oferecer abrigo gratuito, em regime permanente, a pessoas soropositivas e em vulnerabilidade social e seus familiares, fornecendo moradia, alimentação, medicamentos, vestuário e cestas básicas para pessoas que não residem na instituição, e recebeu todo o apoio necessário.

"A Fale foi a salvação da minha vida, porque a desinformação e a falta de tratamento adequado significam morte certa, e eu não tinha nenhuma informação sobre a doença, isso é muito ruim", conta Mayco. Além da instituição, ele recebeu forças de seus familiares, que o ajudaram a superar a notícia e encarar o tratamento, que permite que ele viva saudavelmente e seja indetectável. "Meu maior desafio hoje é nos relacionamentos, porque muitas pessoas ainda têm medo de se envolver, acreditando que podem contrair HIV de alguém em tratamento. Essa desinformação continua sendo a maior barreira."

***As entrevistas com especialistas foram realizadas durante o evento HIV Leaders, promovido pela GSK Brasil**